Ano 58.º — N.º 20:347

Quinta-feira, 7 de Setembro de 1922

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)
Fundadores Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal
Redactor principal José Rangel de Lima
Chefe da Redacção e Editor Acurcio Pereira
Propriedade e Tipografia da Emprêsa Diario de Noticias
Rua do Diario de Noticias, 78—LISBOA
Telef 365, 534, 2446 e 5310 End tel Noticias-Lisboa

Diario de Noticias

Director—AUGUSTO DE CASTRO

Em Poitiers, um incendio no deposito de munições provocou a explosão de 3.000 granadas que danificaram muito a cidade.

O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL

A grande Republica sul-americana celebra hoje a mais gloriosa data da sua historia

iniciando as manifestações festivas pela inauguração da Exposição Internacional do Rio

O imperador D. Pedro, primeiro chefe de Estado do Brasil independente; dr Epitacio Pessoa, actual presidente da Republica, e dr Artur Bernardes, presidente eleito—Um aspecto da cidade do Rio de Janeiro—Costumes cariocas: os padeiros e os vendedores de frutas, ambulantes—Uma linda mulher brasileira, eleita num concurso de beleza

Se Portugal e Brasil são duas nações que uma mesma raça povôa, uma comum tradição reconforta e uma identica aspiração ideal ilumina, se Portugal e Brasil são dois países que se completam, prolongando um a gloria e o renome que o mais velho emprestou ao mais novo; se os dois povos são, nas duas grandes margens atlanticas as sentinelas vigilantes e imortais do seu comum Oceano de lenda, de fé e de conquistas — o verdadeiramente grande, o positivamente unico braço de união que entre ambos os colossos da Raça Lusiada existe, é a nossa colonia no Brasil e principalmente a nossa colonia em S. Paulo e no Rio de Janeiro. A obra maior de Portugal, aquilo que verdadeiramente o imortaliza porque é hoje a unica grande obra que perpetua o seu renome e a sua historia inegualavel; a nossa colonia é lá a melhor e mais forte garantia de que aquilo que hoje é assim, continuará sendo, pela estreita, fecunda e amplissima colaboração que, tanto no campo material (economico, comercial, industrial e financeiramente) como no intelectual e moral, Portugal continúa dando ao Brasil no seu galhardo esforço de emancipação e de triunfo. E é assim que o "Diario de Noticias", no dia em que a grande nação amiga celebra o primeiro centenario da sua independencia, não vê mais certeiro alvo e nem mais digno significado para uma saudação ao Brasil, do que seja a sua saudação patriotica que enternecida e carinhosamente dirige na nossa colonia do Rio de Janeiro, a todos os portugueses, de todas as condições sociais, desde que honrados, que povoam e servem os Estados Unidos do Brasil.

... Da quarta parte nova os campos ara...
Camões LUSIADAS.

Era o Brasil aquela «quarta parte nova» do globo longos anos suspeitada e farejada e por fim encontrada pelas naus lusitanas que Portugal despertou em 1500 do seu encantamento milenario e pela sua forte mão introduziu na Historia. O dia em que Cabral desembarcou terra em Porto Seguro marca a data do nascimento de um povo. Não era uma civilização que sucedia a outra, era o «fiat lux» biblico varrendo trevas que jámais haviam sido violadas e onde o fulgor do sol tropical teve de esperar durante tempos incalculaveis, a colaboração portuguesa e cristã para tornar-se verdadeiramente fecundo e poder enfim substituir o Caos pela Criação.

Portugal vivia então como hoje *num territorio europeu de 90 mil kilometros quadrados*, cabendo cem vezes no que o seu esforço conquistou, *defendeu e guardou durante tres* seculos para o Brasil. A sua população não excedia um milhão e meio de almas e soube entretanto multiplicar-se, como os peixes do Evangelho, para delimitar as fronteiras, fundar de um extremo a outro as cidades e as aldeias, desvendar as florestas, difundir e fixar a lingua, naquela terra nova que lhe ficava a meses de distancia. A fauna do Brasil era pujantissima mas nula em animais domesticos. A sua flora era exuberante mas faltavam-lhe especies das mais apreciadas pelo comercio. Portugal semeou no Brasil o café e o açucar—o ouro negro e o ouro branco—e povoou de bois e cavalos os seus campos. Tudo o que forma a vida e a alma de uma Nação foi assim prodigiosamente levado de tão longe e enxertado nos poucos na terra e na raça virgens de cultura.

Dos Portugueses heroicos e tenazes foram nascendo, e proliferando os tenazes e heroicos Brasileiros. Portugal, que já realizara um milagre assegurando a sua independencia e sublimando a sua historia e preservando a sua lingua desde a Idade Media contra a infiltração e a hegemonia castelhanas, realizou um milagre maior projectando a sua personalidade na America, consagrando definitivamente o dualismo iberico no solo americano oferecendo ao seu idioma quasi incognito uma expansão e um futuro ilimitados. Conseguiu-o finalmente que há já no mundo moderno mãe unica e filho unico duas nações portuguesas.

Mãe unica, disse, porque o Brasil foi criado, povoado e civilizado pelo exclusivo esforço dos Portugueses e dos seus descendentes. Só em epocas muito proximas teve parte nessa obra colossal a emigração de outras origens. E filho unico disse, porque de todas as conquistas de Portugal no mundo só esta até hoje perdurou e vingou com vida propria e assim talvez se explica que tenhamos podido concentrar nela tanto cuidado e *carinho* e que a sua gloria e prosperidade alvoroçem tão indisputadamente os nossos corações. Mas poucas *quem ia de filho tão grande*—dir-se-ia o rato dando a luz a montanha, voltando de avesso a fabula de La Fontaine. O facto é maravilhoso e não parece ter companheiros na Historia.

Mas o descobrimento do Brasil afigura-se-nos ainda (1) á luz dos mais recentes investigações historicas e cartograficas ter iniciado o verdadeiro e efectivo reconhecimento da America. Colombo foi sem duvida, o primeiro homem cujo contacto com a terra americana teve repercussão universal e consequencias sem fim. Mas Colombo morreu em 1506 sem saber o que tinha descoberto, convencido de que a America era a Asia e as Antilhas o Japão. Entretanto, cinco anos antes da sua morte, o embaixador da Republica de Veneza em Lisboa Pietro Pascualigo anunciava ao Senado do seu país o regresso de uma caravela portuguesa dessas paragens novas do Ocidente, revelava que os Portugueses estavam convencidos de que a Terra Nova descoberta pelos irmãos Corte Real, as *Antilhas encontradas por Colombo* e a Terra dos Papagaios (Brasil) achada por Cabral eram partes do mesmo todo autonomo, sem relação com as Indias.

E essa revelação que Humboldt conhecia assombrado *mas não* tinha elementos para explicar e interpretar, foi um ano depois confirmada e documentada pelo celebre mapa encomendado em Portugal por Alberto Cantino embaixador em Lisboa do duque de Ferrara. *Esse mapa portuguez desenhado em 150[illegible] dois anos depois da viagem de Cabral é o primeiro em que a terra americana aparece como um continente separado, como um mundo novo.*

Dois outros [illegible] do passado desprendem-se da [illegible] factos e conjecturas de um vigor [illegible] factos incontestaveis e conjecturas que com esses factos parecem casar-se em perfeita harmonia. Já se não nega que os portugueses longamente [illegible] por Colombo tinham fortes suspeitas senão conhecimento demonstrado da existencia de terras para sudoeste («Que ao Austro havia terras» disse o proprio Colombo ser opinião do nosso rei D. João II) Sabe-se que a *viagem de Cabral foi* precedida de outras viagens de exploração no mesmo rumo estando *pelo menos registada a de Duarte Pacheco* em 1498. Uma grande parte dos portos e ilhas do continente *norte americano* foi baptisada pelos nossos navegadores e as proprias Antilhas guardaram o nome que os *mapas lusitanos* sempre lhes deram. Entretanto Portugal recusou-se a ir, com Colombo descobrir as *Indias pelo Oeste*, mantendo-se firme na escolha do roteiro que mais tarde seguiu Vasco da Gama. Portugal *sabia ao passo que Colombo procurava adivinhar*. A obsessão da India ficou marcada tão indelevelmente no plano dos descobrimentos dos hespanhois que as suas posses foram denominadas Indias Ocidentais e que os filhos de Espanha, que neste continente fazem fortuna, ainda hoje são chamados *indianos* pelos seus compatriotas quando regressam á terra natal.

Vimos já que Pascualigo, em 1502, e o mapa de Cantino em 1501, *revelam por primeira vez a existencia do* Novo Mundo, isto é, descobrem o que o Colombo havia encontrado, mas deixará encoberto. Só depois é que Americo Vespucio na carta Mundus Novus dirigida a Lourenço de Medicis, vulgariza na Europa aquele extraordinario descobrimento. Vespucio embarcou nas armadas portuguêsas e dessas viagens trouxe, em partilha com os seus companheiros de bordo, a novidade. Foi o arauto eloquente, o que chamariamos hoje o jornalista ou o «reporter» feliz das expedições que Portugal enviava, umas atrás de outras, ao continente sul americano. O entusiasmo de Vespucio foi comunicativo e só por ele o mundo culto soube, e não pe*las quatro viagens colombinas* que havia no globo uma quarta parte nova. E tambem só assim se explica, e *até certo ponto se justifica e se perdôa* que em 1507 Hacomylus, na sua *Cosmografia* tenha baptisado America esse *novo continente e que o baptismo* fosse aceito sem protesto nem dos proprios descobridores.

E *embora hoje os Estados Unidos* adoptem para seu uso o sobrenome exclusivo de *americanos*, manda a verdade historica e geografica que se diga que o que primeiro se chamou *ou se julgou America* foi a parte sul do continente, quando da sua parte norte ainda bem pouco se sabia e se cuidava, que a primeira concepção continental da America é portuguêsa, como foram portuguêsas a maior parte das primeiras viagens aos mares do sul e dirigidas por capitães e pilotos portuguêses as expedições de que resultaram o descobrimento do Rio da Prata (João de Lisboa e Solis) o descobrimento do Estreito e a primeira circumnavegação do globo (Magalhães e seus capitães).

Este encadeamento de factos começa com a viagem de Pedro Alvares Cabral ao Brasil, longo tempo tida por acidental quando era a conclusão logica de um plano preconcebido e um novo testemunho da segurança scientifica que caracterizou todas as *navegações* e *descobrimentos* dos Portugueses, genialmente organizados nos primeiros alvores do *seculo 15 pelo Infante D. Henrique*.

* * *

Não é inoportuno recordar ou pôr em melhor luz esta grande pagina, ainda tão mal sabida, da historia luso brasileira, no momento em que se comemora o primeiro centenario da independencia do Brasil. Quem, mais e melhor do que nós Portugueses, poderá regozijar-se com essa comemoração? A data de 7 de Setembro não é mais grata aos Brasileiros do que a nós proprios. Nesse dia o nosso grande filho começou a voar só com as suas asas, longa e conscientemente preparadas e alentadas por Portugal.

Pode dizer-se, sem grande exagero, que o Brasil nunca foi tratado como colonia pela antiga metropole. A sua propria grandeza e opulencia, desde que foram reveladas e comparadas com a nossa pequenez, nos impuseram cuidados e deferencias especiais para com o povo nascente. Os historiadores brasileiros são concordes em reconhecer que *governámos* o seu país melhor que o nosso e que muitos dos erros e desastres *da administração metropolitana* foram evitados ou atenuados no Brasil. E o nosso nacionalismo ardente *e irredutivel* foi das primeiras virtudes que lhe transmitimos e nele respeitámos. Quando os três Filipes *por sessenta* anos se sentaram no trono lusitano, o Brasil foi o refugio, o novo Lar de quantos Portugueses (e foram muitos) não quiseram submeter-se, nem de corpo nem de alma, ao jugo castelhano. Se amanhã qualquer catastrofe ou desgraça imprevista assolasse a nossa terra, o fenomeno reproduzir-se-ia, de tal modo nos sentimos prolongados e perpetuados na nação brasileira. Esse filho, logo ao crescer e formar-se se volveu terra patria, ou matria, para nós.

Mal nos desprendemos do dominio dos Filipes, em 1640 logo promovemos o Brasil a principado, governado por um Vice Rei. Principes do Brasil, se chamaram de então os filhos primogenitos dos nossos Reis. Com a vinda para o Brasil de D. João VI a capital e côrte portuguesa *trasladá-se para o Rio de Janeiro*. E' já a maioridade, que em 1815 se aperfeiçôa ainda, quando o Brasil é elevado á *categoria* do Reino Unido, com precedencia sobre uma fracção do proprio territorio da metropole pois que D. João VI se assinava Rei de Portugal Brasil e Algarves. Só a Inglaterra, nos mais modernos tempos deu exemplo de tão liberal e inteligente criterio nos seus metodos de governo colonial.

Enfim em 1822 rematou-se a obra. Um principe portuguê[s], o herdeiro da nossa corôa, corta o tenue fio politico que ainda ligava os dois Reinos. Quem póde apontar um facto analogo na historia de qualquer outro povo? A separação fez-se sem guerra e sem reacção da metropole. A discussão entre os governos foi de pura forma. O principe D. Pedro, destacando-se do seu glorioso tronco dinastico para fundar uma realeza nova, era o simbolo vivo do estado de maturação irreprimivel a que tinha chegado a autonomia brasileira. Assim, conforme disse o nosso grande escritor Carlos Malheiro Dias, o Brasil subiu ao trono da independencia ostentando já sobre a cabeça a corôa real que nós lhe outorgáramos. E o novo Imperio, em justa e afectuosa reciprocidade, pôde-se firmar o tratado de paz com Portugal, ofertou a D. João VI, em sua vida, o titulo honorario de Imperador do Brasil, o que era *bem o* gesto comovedor do filho que se ausenta, que se despede, que se emancipa, mas que pede respeitosamente, ao partir, a ultima benção do seu Pai.

E agora que defini em poucas e creio que exactas palavras os laços que se cortaram entre Portugal e o Brasil, e aqueles muito mais vitais que jámais se hão de desatar e que ao contrario dia a dia certo mais se estreitam, seja-me permitido acompanhar os meus votos cheios de esperanças e ambições pelo futuro da Nação brasileira, que antevejo grandioso além de toda a espectativa com votos não menos sinceros pela realização da unica Iberia realizavel *e possivel* a que congregue numa solidariedade continua e activa as duas Americas hispanicas, a portuguesa e a espanhola, *com as suas antigas* e ilustres mães patrias, a que, recordando-se antes que seja tarde que Atlantico Sul é o *mare nostrum*, semeado ainda hoje, do lado africano e do lado americano de numerosas atalaias todas nossas, ensine as nações lusitanas e espanholas deste mar a inaugurar uma politica atlantica, tão legitima como a politica mediterranea de algumas nações da Europa politica de paz e não de guerra de cultura e não de conquista, politica cujo unico fim seja preservar os direitos, interesses, sentimentos e ideais da nossa estirpe e evitar a desfiguração racial, mental, tradicional, etnica e linguistica deste continente que nasceu e cresceu *greco latino e iberico* e assim tem de manter-se, em todas as modalidades da sua acção, sem deixar por *isso de assimilar* tudo o que na cultura universal lhe seja proveitoso e fecundo.

Viva e floresça o Brasil no meio das suas prosperas irmãs da America, e todas elas em intimo acordo e *convivio com Portugal e a Espanha*, que lhes foram fidalguissimo berço.

Buenos Aires—Agosto de 192[illegible]

Alberto de OLIVEIRA

(1) Toda a substancia do que se segue foi tomada da notabilissima introdução com que Carlos Malheiro Dias abre a «Historia da Colonização Portuguesa do Brasil», obra monumental, por ele iniciada e dirigida colaborada pelos mais eminentes historiadores e geografos portugueses, que a nossa colonia residente na grande Republica mandou publicar e oferta ao Brasil no seu centenario.

VISCONDE DE MORAIS

Um dos mais prestigiosos membros da colonia portuguesa no Brasil

Na exposição internacional—Vista geral externa do Pavilhão das Industrias

Radiogramas trocados entre os srs. dr. Epitacio Pessoa e dr. Antonio José de Almeida

RIO DE JANEIRO 6.—Entre os srs. drs Epitacio Pessoa e Antonio José de Almeida trocaram-se efusivos radiogramas. O Presidente da Republica portuguesa *manifestou o seu pesar* pela impossibilidade de poder assistir á inauguração das festas comemorativas da *Independencia do Brasil* e o Chefe do Estado brasileiro declarou que sempre receberia com prazer o mais alto representante da nação irmã e amiga e que tanto o govêrno como o povo se preparam para o saudar condignamente.—(A)

(Vêr na segunda pagina o artigo editorial intitulado «I. N.»)